



ENTREVISTA / Othon Bastos

O senhor foi muito generoso ao oferecer sua memória para um público enorme. Desde 2024 o senhor vem contando essas lembranças. Tem que ter muita coragem e generosidade para compartilhar a memória?

Não é coragem, é vontade. Quando você tem alguma coisa importante, não deve guardar pra você, deve doar. Aquele momento ali em cena é a doação de 75 anos de carreira. Por que eu guardaria isso comigo? Também não queria fazer isso numa autobiografia. É simplesmente dizer: "Gente, eu fui assim". Como diz o Zen: sou o que sou porque fui o que fui. Então esse que vocês estão vendo aí é o que fui. Falo disso com alegria, faço deboche de mim mesmo. A coisa mais importante na vida é viver. Quando estou em cena com a Marta, estou doando e ela está me lembrando. Ela briga muito comigo.

A interação entre o senhor e a Marta Paret é muito orgânica. O público fica na dúvida: até que ponto tem improviso, até que ponto a memória realmente está ajudando ou se é só uma brincadeira entre vocês.

Othon Bastos: Basta olhar para ela que ela já sabe o que é importante e o que tem para dizer. Não é uma coisa marcada, é improvisado às vezes.

Marta Paret: É vivido. Eu entro em cena e entro na pulsação dele. Quando ele me olha, faz uma respiração diferente, uma pausa ou um gesto, eu entendo que tenho que entrar. O teatro é vivo e é presença.

Othon Bastos: É uma ligação muito grande, basta olhar para ela saber o que é pra dizer e o que tem que fazer. Eu brinco com ela o espetáculo inteiro. Sempre com alegria. Quando falei com o Flávio Marinho, autor da peça, eu disse que não amargas, nada triste no espetáculo, eu quero alegria. É melhor ser alegre do que ser triste.

Nós temos essa tendência de associar a idade à tristeza, o que é desmistificado pelo texto e pela sua atuação. São quase duas horas falando, andando de um lado para o outro e até dançando...

Othon Bastos: Eu fiz um curso de dança! Brincadeira...

Marta Paret: Olha como ele é! (risos)

Othon Bastos: Eu disse que tinha que dançar, mas não posso dançar como antes porque a perna ainda não permite totalmente devido a uma cirurgia. Mas eu engano no espaço, brinco e até esqueço da perna. O importante é o legado: espero que as pessoas vivam com a alegria que eu vivo.

O senhor traz também a memória coletiva da história do Brasil, citando grandes atores e dramaturgos que correm o risco de serem esquecidos. Como isso é importante?

Marta Paret: A beleza do espetáculo é além da vida dele, que é riquíssima, é a história da nossa cultura, do país, de um ser humano. Você se identifica em vários planos. É uma coisa que realmente toca. É legal a gente saber quem escreveu, quem dirigiu, em que contexto social, político e como ele relembra isso e doa isso pra gente.

As intersecções entre a memória pessoal e a coletiva acontecem de forma natural e não didática...

Para mim, é sempre uma surpresa como vai ser recebido. Eu sento e pergunto: "Será que vão pensar que vou sentar aqui e falar uma hora e meia?". O grande achado é quando eu digo "1944!" e volto para a história com a minha professora.

Essa professora dizia que o senhor não seria ator e sugeriu que fosse dentista para "deixar o público de boca aberta". Como o senhor enxergava esses "fracassos" no passado?

Falo sempre com muita alegria. Nunca tive a intenção de ser ator; dentista também foi a escolha mais rápida que eu tive. Não falo com mágoa nem rancor. Eu nem sabia o que ela estava dizendo. Eu nunca pensei em fazer arte na vida. Aos 11 anos eu nem sabia o que queria ser. Nunca pensei em representar, o teatro veio por um acaso. Esse, sim, foi o grande amigo da minha vida, o acaso. Tudo o que fiz de importante — *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *São Bernardo* — foi por acaso, fui chamado de última hora para fazer.